

SHAKESPEARE: TRY ON

BARROS, Webert ¹, LICARIÃO, Berttoni ², MUNIZ, Luciana ³

RESUMO: Fruto do Renascimento, a Obra do dramaturgo inglês William Shakespeare [1564-1616] reúne uma das mais bem acabadas representações da cultura universal. Quase quatrocentos anos após sua morte, a perpetuação de seus escritos reverbera verdades da alma humana: experimentá-lo é uma atitude que vai além da perenidade da moda. Significa imergir em um estilo de vida que está sempre se renovando. Este pôster instiga o interesse pela obra de Shakespeare, à medida que desperta no público o reconhecimento dos valores, temas e personagens de suas peças que circulam no imaginário popular. Através de figuras sobrepostas, Shakespeare emerge aos olhos do observador numa explosão de cores e imagens típicas do aspecto plural e carnalizado (no sentido bakhtiniano do termo) de sua Obra. Um *patchwork* lúdico abrangendo cinema, literatura, teatro, artes plásticas e cultura pop que reforça, em sua unidade, o valor inestimável deste gênio inglês.

PALAVRAS-CHAVE: Shakespeare, cultura, experiência.

1. JUSTIFICATIVA

Em um artigo publicado pela revista TIME em março de 2006, intitulado *Shakespeare Inc.* encontra-se a seguinte chamada: *Sensitive poet and venerated playwright, the Bard is as popular as ever, and not just for his way with words: he's a cash cow.* Sua autora, no decorrer do artigo, chama a atenção ao processo de divulgação da obra de Shakespeare, desde seu primeiro *Folio*, publicado pelos amigos Henry Condell e John Heminges em 1623, até suas edições mais recentes, repletas de notas (e conjecturas) sobre a vida e a obra do dramaturgo inglês. Foi a partir daquela primeira edição que o adjetivo shakespeariano pôde crescer e se transformar em um fenômeno

¹ Licenciado em Letras pela UFPB. E-mail: webertbarros@hotmail.com

² Graduando em Letras da UFPB. E-mail: berttoniclaudio@hotmail.com

³ Licenciada em Letras pela UFPB. E-mail: luciananeuma@hotmail.com

mundial. Hoje, o mercado livreiro tem recebido uma demanda cada vez maior de publicações relacionadas ao autor – das biografias às exegeses de suas peças e sonetos; além disso, sua imagem é vendida como estampa em camisetas, bolsas e saias no Reino Unido e novas versões de suas peças estão sempre em produção. Logo, conclui-se que não só o seu poder de venda, mas seu poder de atração está mais ativo do que nunca. Enquanto houver pessoas lendo Shakespeare, haverá quem escreva sobre ele – parodie suas peças, faça delas adaptações, as represente nas mais diversas formas artísticas.

O caráter mimético de sua obra é, portanto, ponto chave para a compreensão desse fenômeno. Nas palavras de Harold Bloom em seu *Hamlet: poema ilimitado*, mais do que qualquer outro escritor, Shakespeare pode-nos ensinar imensamente sobre nós mesmos. Sua capacidade de representação do homem em toda sua complexidade é considerada o ponto mais alto de suas peças: é pela ousada mistura de valores – o alto e o baixo, o sublime e o cotidiano, o trágico e o cômico – que formam as bases de toda sociedade, que sua universalidade se justifica. Frente a diferentes culturas e mecanismos de representação, a palavra shakespeariana se molda ao contexto em que se insere e se adapta de acordo com a estrutura que a comporta. Mas ela nunca deixa de encontrar terreno propício à sua reprodutibilidade.

No caso de Shakespeare, o poder de seus escritos tem se perpetuado através das mais variadas manifestações culturais – um livro, um filme, uma peça em si – atingindo cada pessoa em níveis diferentes. A partir deste primeiro contato, todavia, o conhecimento de outros níveis, novos e singulares, é inevitável. A abrangência de seu discurso aumenta progressivamente, garantindo que sua obra encontre cada vez mais espaço à sua reprodução. Foi observando esse alcance da obra do Bardo que passamos a indagar até que ponto a perfídia de Ricardo III, a dúvida de Otelo, a desdita de Lear, o

fantasma de Hamlet, as bruxas de Macbeth – para citar alguns de seus personagens mais marcantes – estão presentes no imaginário, habitando o nosso cotidiano. E, uma vez tendo encontrado mais de Shakespeare em nós mesmos do que esperávamos, por que não trazê-lo mais próximo ainda, naquele lugar onde ensino e cultura se encontram e entrelaçam, as aulas de língua inglesa?

2. METODOLOGIA

Cultura se manifesta de diversas maneiras. Cinema, literatura, culinária, música e artes plásticas são alguns dos meios que nos permitem entrar em contato com o universo do outro. O resultado de cada um desses encontros não é só o conhecimento, mas a amplificação do nosso olhar sobre a nova realidade que se nos apresenta. Como o justifica Bakhtin:

Um sentido revela-se em sua profundidade ao encontrar e tocar outro sentido, um sentido alheio: estabelece-se entre eles um diálogo que supera o caráter fechado e unívoco, inerente ao sentido e à cultura considerada isoladamente. [...] O encontro dialógico entre duas culturas não lhes acarreta a fusão, a confusão; cada uma delas conserva sua própria unidade e sua totalidade aberta, mas se enriquecem mutuamente. (BAHKTIN, 1997: 368)

A exposição ao que é diverso, como se vê, transforma-se em experiência única de aprendizagem. Então, o exercício que se propõe é aprender através do olhar.

Este pôster é um trabalho de *patchwork*, uma colcha de retalhos na qual se associam diferentes manifestações do universo criado por Shakespeare. Os retalhos: imagens costuradas pela linha shakespeariana. A principal delas, o tecido que nos serve de fundo, é o *Chandos portrait*, uma das mais famosas representações do autor. Tem seu nome conferido a James Brydges (1673-1744), primeiro duque de Chandos, dono

original do retrato (de autoria ainda indefinida, embora haja quem o atribua a John Taylor) que hoje se encontra na *National Portrait Gallery*, em Londres. Trabalhando-se com figuras de diversos tamanhos, formas e cores sobre a efigie do autor, procurou-se destacar o pluralismo de sua obra, através da distribuição aleatória, da mistura das cores, e da inexistência de um ponto que irradie sentido à primeira vista.

A essa confusão – ou mesmo ao estranhamento – do primeiro contato, segue gradualmente o reconhecimento das partes que compõem o conjunto. E o todo, cheio de sentido, apresenta um significado que se revela e se alimenta a cada mergulho. É um processo contínuo de imersão-emersão que readquire, a cada retorno, mais uma peça do quebra-cabeça da memória coletiva que lá dentro se encontrava.

A transparência foi a técnica utilizada para causar tal efeito. As imagens-retalhos, menores, foram alteradas de forma a deixar revelar o conteúdo que por trás delas se apresenta, sem perderem sua própria informação. Toda a superfície do retrato de Chandos foi preenchida por essas figuras em estado diáfano. Shakespeare surge inconfundivelmente por detrás da cortina de sua obra. A fusão entre intertextos e imagens atinge, aqui, o nível do pastiche: o resultado é uma obra nebulosa como muitas vezes o autor representou a vida (basta lembrar o discurso agônico de Macbeth *Life's but a walking shadow*); ou ainda inebriante, turvada, como a própria matéria que constitui o homem, *We are such stuff as dreams are made on* – na fala lírica de Próspero.

O método de seleção das imagens privilegiou a variedade de espaços em que encontramos Shakespeare: arquitetura, fotografia, teatro, escultura, artesanato, literatura, história em quadrinhos, televisão, ópera, culinária, imprensa, pintura e – finalmente – o cinema. Este último tem sido na realidade o maior divulgador do Bardo

pelo mundo: quase 700 filmes baseados em sua obra já foram capturados em celulóide, o primeiro deles datando de 1899 (na verdade um curta dirigido por Walter P. Dando e William K. L. Dickson que recria a cena da morte do Rei em *King John*). A linguagem do filme, mais familiar à maioria das pessoas que a do teatro, por exemplo, possui um apelo aos sentidos impossível de ser menosprezado, e encontra resposta nos mais diferentes expectadores. Arte sintética e heterogênea, de acordo com Yuri Lotman, o filme é “uma estrutura com vários níveis onde cada um deles se organiza com diferente grau de complexidade. Os espectadores, diversamente preparados, ‘captam’ níveis semânticos diferentes” (LOTMAN, 1978). Daí pode-se presumir, bem como justificar, o seu alcance. E o que se diz do espectador, é igualmente aplicável aos indivíduos que trabalham atrás das câmeras: cada versão que assistimos varia de acordo com o contexto em que se insere e com as pessoas que o produziram.

Para diretores consagrados como L. Olivier, O. Welles e A. Kurosawa, ou mais excêntricos como Baz Luhrmann e Woody Allen, adaptar uma peça de Shakespeare é o tributo que se pode pagar a este gênio do drama e da comédia. É o que desde sempre muitos tentaram fazer, resultando nas mais variadas visões. Isso porque, dentro do universo shakespeariano, as possibilidades adaptativas são inumeráveis. Uma vez que a estrutura cênica de suas peças privilegiava a neutralidade do palco e a capacidade criativa era a verdadeira força motor do palco elisabetano, a liberdade do diretor e de seus atores com o texto às vezes é tanta que pode se transformar em aflição. Nesses casos a arte cinematográfica, concluímos, consistiria em saber confinar o incomensurável: nas palavras do ator/diretor Kenneth Branagh, consagrado por suas adaptações canônicas, *With Shakespeare films, you don't complete them, you abandon them.*

Apesar da presença marcante do cinema neste pôster, as demais formas artísticas que enumeramos acima também receberam seu destaque. Da adaptação em quadrinhos da Turma da Mônica⁴ à sobremesa Romeu & Julieta, dos desenhos de crianças inglesas ao rosto de Shakespeare em origami, do retrato de Falstaff à ópera de Giuseppe Verdi, demonstramos o que só a variedade cultural de nossos tempos é capaz de conceber: o recorte de uma obra escrita há quase quatrocentos anos que ultrapassa fronteiras, línguas e barreiras étnicas para mostrar que está mais viva do que nunca.

3. CONCLUSÃO

O *Shakespeare: Try On* é resultado da iniciativa de um grupo de estudos shakespearianos sediado em João Pessoa/PB, composto atualmente por alunos e professores do curso de Letras da Universidade Federal da Paraíba. O G.E.SH, como é chamado, tem como objetivo a discussão dos textos do autor e suas representações nas mais diferentes linguagens semióticas. Ao lado desse estudo, seus integrantes buscam nas tramas do bardo inglês elementos que possam ser trabalhados nas salas de aulas do Ensino Médio e Fundamental na tentativa de enriquecer as aulas de Língua Inglesa através da Literatura. Mas para tanto é preciso haver primeiro um trabalho de divulgação e desmistificação do autor.

O valor de qualquer obra, literária ou não, encontra-se na capacidade que ela possui de ser renovada. Este atributo, núcleo da carnavalização como a concebia Bakhtin, temos o prazer de descobrir no Sr. William Shakespeare, a cada leitura, a cada filme, a cada representação de seu trabalho. Trabalho que se re-significa ao entrar em

⁴ ©1997 Maurício de Sousa Produções. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/ingles/index.htm>>

contato com outras esferas culturais e renasce a cada geração. Trabalho inconfundível de um gênio.

Consideramos este pôster, mais que um exercício acadêmico, o desdobramento lúdico de uma filosofia da experiência. Ele não pretende dar respostas, pelo contrário, instiga ainda mais a pergunta. É um quebra-cabeça, um jogo da memória, um labirinto shakespeariano. É uma colorida esfinge que convida a todo aquele que lhe fixa o olhar: Experimente, você não irá se arrepender.

4. REFERÊNCIAS

AUERBACH, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 2002. 4 ed.

BAHKTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec/Editora da UNB, 1996.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997a.

BOQUET, Guy. *Teatro e sociedade: Shakespeare*. Trad. Berta Zemel. São Paulo: Perspectiva.

HELIODORA, Barbara. *Reflexões Shakespearianas*. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.

FAROUKY, Jumana. *Shakespeare Inc.* in: TIME magazine, published on March 19th. Disponível em: < <http://www.time.com/time/europe/html/060327/story.html> >

LOTMAN, Yuri. *Estética e semiótica do cinema*. Trad. Alberto Carneiro. Lisboa: Editorial Estampa, 1978.